

Coleção

Temas em Movimento

7

# EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE:

convergingo para novos caminhos...



JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO  
EDISON ROBERTO DE SOUZA  
VALMOR RAMOS  
JÚLIO CESAR SCHMITT ROCHA

Organizadores

Sá, C., Marinho, S., & Pereira, B. (2015). A Educação Física no ensino profissional: um estudo exploratório na ginástica em estudantes do 12º ano. In J. V. Nascimento, E. R. Souza, V. Ramos, & J. C. S. Rocha (Eds.), *Educação Física e Esporte: convergingo para novos caminhos...* (Vol. 7, pp. 129-148). Florianópolis: UDESC.

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE:  
convergingo para novos caminhos...

EDITORA  
**UDESC**

7

JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO  
EDISON ROBERTO DE SOUZA  
VALMOR RAMOS  
JÚLIO CESAR SCHMITT ROCHA

Organizadores

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-8302-050-9



9 788583 020509

JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO  
EDISON ROBERTO DE SOUZA  
VALMOR RAMOS  
JÚLIO CESAR SCHMITT ROCHA  
*Organizadores*

COLEÇÃO TEMAS EM MOVIMENTO

# EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE:

convergiendo para novos caminhos...

**Volume 7**

Florianópolis  
2015



**Antonio Heronaldo de Sousa**  
Reitor

**Marcus Tomasi**  
Vice-Reitor

**Alexandre Amorim dos Reis**  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**Mayco Morais Nunes**  
Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Comunidade

**Amauri Bogo**  
Coordenador Editora da UDESC

**Paulo Henrique Xavier de Souza**  
Diretor Geral  
Centro de Ciências da Saúde e do Esporte

A **Coleção Temas em Movimento** é uma publicação da Editora da UDESC, composta por um conselho editorial interinstitucional, que objetiva divulgar as pesquisas realizadas sob diferentes perspectivas na área de Educação Física e Esportes, para aprofundar aspectos conceituais e metodológicos da profissão, bem como contribuir para a aproximação entre a comunidade científica e à prática pedagógica em diferentes contextos de intervenção.

#### **Conselho Editorial**

Adriana Coutinho Azevedo Guimarães - UDESC

Christi Noriko Sonoo - UEM

Flávio Medeiros Pereira - UFPEL

Joice Mara Facco Stefanello - UFPR

Luiz Sérgio Peres - UNIOESTE

Marcos Augusto Rocha - UEL

Viktor Shigunov - UFSC

Zenite Machado - UDESC

*Edição revisada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 16 de dezembro de 1990.*

E24 Educação física e esporte : convergindo para novos caminhos / Juarez Vieira do Nascimento ... [et al.] organizadores. – Florianópolis : Ed. da UDESC, 2015.

551 p.: il. – (Temas em movimento, v.7)

Inclui referências

ISBN: 978-85-8302-050-9

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Crianças. 3. Assédio nas escolas.
4. Professores de educação física – Formação. 5. Esportes – Aspectos sociais.
6. Qualidade de vida. I. Nascimento, Juarez Vieira do.

CDU: 796.015

*Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071*

**Projeto gráfico, diagramação e capa**

Rita Motta - Editora Tribo da Ilha

**Impressão**

Gráfica e Editora Copiart

# A Educação Física no ensino profissional: um estudo exploratório na ginástica em estudantes do 12º ano



César Sá

Sílvia Marinho

Beatriz Oliveira Pereira

## Introdução

A Educação Física como disciplina curricular obrigatória no sistema educativo português, tem um papel fundamental no desenvolvimento global dos indivíduos, principalmente no que ao domínio motor diz respeito. Os programas nacionais que a suportam reforçam este papel e focam-se particularmente na atividade físico-motora pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno e nos seus valores educativos. Estes, tem na sua origem uma conceção eclética, com uma larga extensão de atividades (físico -

desportivas, rítmico - expressivas, de exploração da natureza e de jogos tradicionais, populares e sociais). A Ginástica surge nos programas nacionais de Educação Física ao longo de todo o percurso escolar como uma das suas atividades nucleares, integrando o bloco das atividades físicas desportivas, e estando subdividida em quatro áreas: solo, aparelhos, acrobática e rítmica (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001). Esta modalidade desportiva é introduzida desde o 1.º ciclo (3º ano), recebendo uma atenção particular do 3.º ao 8.º anos, por ser considerado o período favorável (em termos de desenvolvimento motor e características morfológicas) para aceder a níveis elevados de desempenho e de aprendizagem das habilidades mais complexas nesta área. De facto, a Ginástica ao contemplar um certo eclétismo, abarca um alargado leque de habilidades motoras diversificadas o que a torna uma modalidade relevante, e o seu alto valor formativo e educativo concede-lhe um carácter de base, colaborando para a formação multilateral dos alunos.

O conteúdo de cada uma das matérias, particularmente na ginástica, encontra-se especificado em três níveis de execução: (i) Introdução - apresenta as bases e o modelo cultural de cada atividade física - motora; (ii) Elementar - apresenta-se como um modelo formalizado de princípios e regras e o (iii) Avançado - corresponde ao nível superior de execução que poderá ser atingido no quadro da disciplina de Educação Física (MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO, 2001). Cada nível traduz assim a atividade representativa de um determinado grau de competência prática de interpretação dos conteúdos nas diferentes matérias do programa.

De acordo com os programas nacionais do 5º ao 9º ano situa-se o bloco “central” ou estratégico do desenvolvimento das matérias motoras e, por conseguinte, este

período é considerado muito importante no aperfeiçoamento e consolidação das aprendizagens motoras fundamentais, consumando-se as conquistas motoras alcançadas no 1º Ciclo (1º ao 4º de escolaridade). Também se considera que o 9º ano tem uma função relevante e deverá ser dedicado à revisão das matérias dos anos anteriores e, neste sentido, completar o conjunto de objetivos do 3º Ciclo do ensino básico (7º ao 9º anos). No ensino secundário, o 10º ano deverá centrar-se predominantemente numa função de “revisão da matéria dada”, enquanto o 11º e 12º anos funcionaria num regime de opções pelas matérias desportivas - motoras, onde os alunos teriam a oportunidade de as selecionar para um maior nível de aperfeiçoamento e/ou consolidação.

O Ensino Profissional é um dos percursos do nível secundário do sistema educativo caracterizado por uma forte ligação com o mundo profissional, onde a aprendizagem realizada valoriza o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em articulação com o setor empresarial local. Os cursos que estão enquadrados neste tipo de ensino, comparativamente com os do ensino regular, têm uma estrutura curricular organizada por módulos, o que permite maior flexibilidade e respeito pelos ritmos de aprendizagem dos alunos e o plano de estudos inclui três componentes de formação, a saber: sociocultural, científica e técnica. O Programa Nacional de Educação Física – Cursos Profissionais de Nível Secundário (2004), define como elenco modular para o 10º ano o nível Introdução da Ginástica de Solo e de um aparelho da Ginástica de Aparelhos, enquanto que para o 11º ano determina o nível Elementar da Ginástica de Solo e o nível de Introdução de outro aparelho da Ginástica de Aparelhos. Assim,

no final do 11º ano de escolaridade na Ginástica de Solo os alunos do Ensino Profissional deverão ser capazes, para além de outras competências transversais e de índole específica, de elaborar, realizar e apreciar uma sequência de habilidades no solo que combinem com fluidez destrezas gímnicas, de acordo com as exigências técnicas indicadas, designadamente as de rolamento à frente simples, salto, à retaguarda, posição invertida, roda, avião, posições de flexibilidade livres, saltos, voltas e afundos. No que diz respeito à ginástica de aparelhos os alunos devem realizar, após corrida preparatória e chamada a pés juntos no trampolim (Reuther ou sueco) a fase aérea do salto com receção no solo em equilíbrio, os seguintes saltos: eixo no boque e entre-mãos no boque ou plinto transversal. No mini-trampolim, após corrida preparatória deve realizar a chamada com elevação rápida dos braços e receção equilibrada no colchão de queda, devem realizar os seguintes saltos: em extensão (vela), engrupado e meia pirueta vertical.

No que diz respeito à avaliação do desempenho motor propriamente dito, a análise do que separa um aluno apto de um não apto na Educação Física tem que ter em consideração o estabelecimento de pressupostos que conjeturem a grande multiplicidade de condições das escolas, as distintas capacidades dos alunos e a própria filosofia do programa quanto à sua gestão e eventual disparidade das matérias que compõem o currículo. Na realidade, não sendo possível, nem desejável, garantir o “mesmo” currículo a todos os alunos é aconselhável que se procure estabelecer um patamar no qual se possam inserir todos os alunos, que demonstrem possuir as competências motoras essenciais promovidas por esta área disciplinar. É neste sentido que em 2001 se introduziu, em Portugal, nos programas

curriculares de Educação Física (para os dois tipos de ensino) um aspeto muito relevante centrado na avaliação da especificidade desta disciplina – as normas de referência para o sucesso em Educação Física – fazendo-a decorrer dos objetivos de ciclo e de ano. De fato, os objetivos de ciclo passaram a constituir as principais referências no processo de avaliação dos alunos, considerando-se que o reconhecimento do sucesso é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorrem dos objetivos gerais.

Segundo o Programa Nacional de Educação Física – Cursos Profissionais de Nível Secundário (2004), a desigualdade de condições de trabalho nas diferentes escolas tem sido, seguramente, um dos fatores que mais tem contribuído para a dificuldade sentida pelos profissionais em conferir às questões da avaliação um caráter mais adequado às exigências que a disciplina lhes coloca. A contínuada adaptação a essas condições de trabalho, através de uma gestão local dos programas, permite e possibilita encontrar as soluções mais adequadas e adaptadas a cada realidade. Todavia, Bom et al. (1990) definiram uma certa diversidade no currículo dos alunos, o que não deixando de ter algumas vantagens, tem vindo também a complexificar a congruência no percurso de desenvolvimento dos alunos no decorrer de toda a sua escolaridade, embora esta situação venha lentamente a atenuar-se devido à progressiva melhoria das condições oferecidas aos alunos e aos professores. Neste sentido, o caminho trilhado parece permitir avaliar com maior confiança as questões diretamente relacionadas com a avaliação dos alunos e com a definição do que se considera um aluno com sucesso na disciplina de Educação Física. É reconhecido que as

práticas de avaliação, sobretudo as que decorrem de um processo deliberado, intencional e rigoroso, contribuem para que todos os alunos aprendam melhor, com especial importância para os que revelam mais dificuldades (FERNANDES, 2005; 2008; SHEPARD, 2001). Este tipo de avaliação, mais de caráter sumativo, ou seja, mais orientada para a avaliação das aprendizagens, deverá articular-se com o ensino e, portanto, ajudar os alunos e os professores no desenvolvimento das suas aprendizagens e, não tanto em perspetivas mais classificativas. Este tipo de avaliação, como refere Pacheco (2009) pode ser um dos pilares que suporta o edifício escolar, sobretudo no campo da comprovação e hierarquização da aprendizagem, sendo que o valor quantificável obtido pode traduzir a prestação dos alunos numa perspetiva de sucesso ou insucesso. Tal vez, assim, a avaliação daquilo que os alunos aprenderam possua como finalidade a credibilização da escola perante a sociedade, reforçando o seu papel da certificação da ordenação dos sujeitos.

Neste sentido, o presente capítulo contempla evidências do estudo que procurou averiguar se os alunos do ensino profissional, numa etapa final do seu percurso escolar, demonstram possuir o domínio de um repertório motor gímico compatível com o previsto e expectável nos programas nacionais. A amostra foi constituída por 15 alunos, todos do sexo masculino, pertencentes a uma turma do 12º ano de escolaridade do Ensino Profissional, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos de uma escola secundária inserida em contexto urbano.

Na recolha de dados foi utilizado um inquérito por questionário para conhecer as perceções dos alunos sobre os temas em análise, bem como uma observação

sistemática diferida, através de uma grelha de observação focada que pretendia avaliar o desempenho motor dos mesmos. O questionário aplicado, construído para o efeito e validado por dois peritos externos, foi composto por perguntas fechadas e estava dividido em três partes: a primeira procurava caracterizar o inquirido, na segunda as questões estavam direcionadas para o percurso escolar na Educação Física e a relação com a disciplina, enquanto a última parte centrava-se na ginástica e nas suas áreas. As respostas podiam ser dadas através de uma escala de resposta única ou múltipla. Esta opção foi tomada para que o tratamento de dados fosse facilitado pela codificação e normalização da informação.

Para a avaliação do desempenho motor foi construída uma grelha de observação focada, composta por um conjunto de exercícios critério e respetivos itens a ser avaliados, para a Ginástica de Solo e Aparelhos. Em cada momento de avaliação cada aluno teve duas tentativas para realizar o exercício critério. Foi considerada apenas a melhor tentativa. Na grelha de observação focada, as habilidades motoras foram avaliadas em quatro níveis: 1 – Não executa; 2 – Executa com muita dificuldade; 3 – Executa com algumas imperfeições; 4 – Executa perfeitamente. Considerou-se que os alunos alcançavam o sucesso quando atingiam o nível 3 ou 4. Nos quadros seguintes, adaptados de Araújo (2002), podemos observar os elementos gímnicos e as componentes críticas avaliadas analiticamente e em sequência.

**Quadro 1** – Componentes críticas das habilidades motoras na ginástica de solo.

<p>1. Rolamento à frente engrupado</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoiar bem as palmas das mãos no solo, à largura dos ombros, com os dedos bem afastados;</li> <li>• Fletir a cabeça, juntando o queixo ao peito;</li> <li>• Apoiar a nuca no solo;</li> <li>• Fletir os membros inferiores, mantendo-os unidos;</li> <li>• Terminar na posição vertical, com o corpo em extensão e em equilíbrio, mesma direção do ponto de partida.</li> </ul>
<p>2. Roda</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dar início ao movimento com um pé à frente do outro;</li> <li>• Avanço de um dos MI e afundo lateral;</li> <li>• Balanço enérgico do MI de trás que se encontra em extensão;</li> <li>• Apoio alternado das mãos na linha do movimento;</li> <li>• Impulsão da perna de chamada (perna da frente);</li> <li>• MS e tronco alinhados na vertical dos apoios;</li> <li>• Na trajetória aérea, os MI realizam o máximo afastamento possível e em extensão completa;</li> <li>• No contacto ao solo o apoio dos pés é alternado na linha do movimento.</li> </ul>
<p>3. Avião</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Membros inferiores em completa extensão;</li> <li>• Grande afastamento dos membros inferiores;</li> <li>• Ligeira inclinação do tronco à frente (mas sem flexão; “arredondamento” das costas);</li> <li>• Cabeça levantada, olhar dirigido em frente, tonicidade geral elevada.</li> </ul>
<p>4. Apoio facial invertido</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar na posição de afundo frontal;</li> <li>• Balanço do MI de trás em extensão e no prolongamento do tronco;</li> <li>• Colocação das mãos à largura dos ombros, com dedos bem afastados e voltados para a frente;</li> <li>• Olhar dirigido para as mãos;</li> <li>• Hiperextensão e repulsão dos MS;</li> <li>• Alinhamento vertical dos segmentos corporais com extensão máxima do corpo.</li> </ul>
<p>5. Meia pirueta</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alinhamento vertical dos segmentos corporais com extensão máxima do corpo;</li> <li>• Terminar voltado para o lado oposto.</li> </ul>

<p>6. Rolamento à retaguarda</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desequilíbrio à retaguarda;</li> <li>• Queixo ao peito;</li> <li>• Colocação das palmas das mãos no solo, ao lado da cabeça, cotovelos unidos, os dedos orientados para trás;</li> <li>• Manutenção das pernas unidas à passagem da bacia pela vertical dos ombros;</li> <li>• Repulsão de braços.</li> </ul>
---

<p>7. Ponte</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Membros superiores e inferiores em extensão completa;</li> <li>• Palmas das mãos completamente apoiadas no solo e viradas para a frente;</li> <li>• Elevação significativa da bacia;</li> <li>• Empurrar com os pés tentado estender completamente as pernas e, com isso, forçar a colocação dos ombros numa linha perpendicular ao apoio das mãos no solo (ou atrás).</li> </ul>
--

**Quadro 2** – Componentes críticas das habilidades motoras na ginástica de aparelhos no minitrampolim.

<p>1. Salto de vela</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Corrida de balanço, pré-chamada a um pé e chamada a dois pés;</li> <li>• Elevar o corpo verticalmente em completa extensão;</li> <li>• MI unidos em extensão e MS em elevação superior;</li> <li>• Bacia em retroversão durante a fase aérea;</li> <li>• Terminar em equilíbrio e com o olhar dirigido em frente.</li> </ul>
<p>2. Meia pirueta</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Corrida de balanço, pré-chamada a um pé e chamada a dois pés;</li> <li>• Iniciar a rotação no ponto mais alto da trajetória aérea;</li> <li>• Manter os MS em cima e em extensão;</li> <li>• Manter os MI em extensão e unidos;</li> <li>• Terminar em equilíbrio e voltado no sentido contrário ao da chamada.</li> </ul>
<p>3. Salto engrupado</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Corrida de balanço, pré-chamada a um pé e chamada a dois pés;</li> <li>• No ponto mais alto do voo, flexão dos MI, levando os joelhos ao peito;</li> <li>• Manter o tronco na posição vertical com o olhar dirigido para a frente;</li> <li>• Extensão do corpo antes da receção;</li> <li>• Terminar em equilíbrio e com o olhar dirigido em frente.</li> </ul>



### Quadro 3 – Habilidades motoras na ginástica de aparelhos no boque.

1. Salto ao eixo	
• Corrida de balanço, pré-chamada a um pé e chamada a dois pés no reuther;	
• Subida da bacia elevada em retroversão e colocação das mãos no centro do aparelho;	
• Repulsão do aparelho (M.S.) seguida do afastamento dos M.I., com o tronco ligeiramente inclinado à frente;	
• Terminar em equilíbrio e com o olhar dirigido em frente.	
2. Salto entre mãos	
• Corrida de balanço, pré-chamada a um pé e chamada a dois pés no reuther;	
• Elevação da bacia acima do nível dos ombros;	
• Repulsão dos M.S. no momento em que apoia as mãos no plinto, projetando os ombros e o peito para cima;	
• Flexão dos M.I.;	
• Terminar em equilíbrio e com o olhar dirigido em frente.	

### Experiência dos estudantes com a ginástica na Educação Física

Quando questionados se gostavam da Educação Física, 94% dos inquiridos responderam favoravelmente (gostavam os gostavam muito) e apenas um (6%) afirmou gostar pouco. Estes resultados revelam uma imagem da Educação Física muito favorável, percebida de forma muito positiva. Os resultados mostraram também que 80% dos alunos tiveram Educação Física no 1º ciclo do Ensino Básico e todos, sem exceção, tiveram-na no 2º e 3º ciclos, demonstrando que a grande maioria dos alunos ao longo dos nove anos de escolaridade obrigatória viveu esta disciplina no currículo escolar. No que diz respeito à percepção que demonstram relativamente ao seu desempenho motor na Educação Física, 87% considera que possui um nível de habilidade motora elevada, com 20% destes a considerar que possui mesmo muita habilidade. Estes resultados suportam uma percepção destes alunos muito favorável no desempenho motor na disciplina.

Na figura 1 reporta-se a experiência dos alunos na ginástica de solo ao longo da escolaridade.

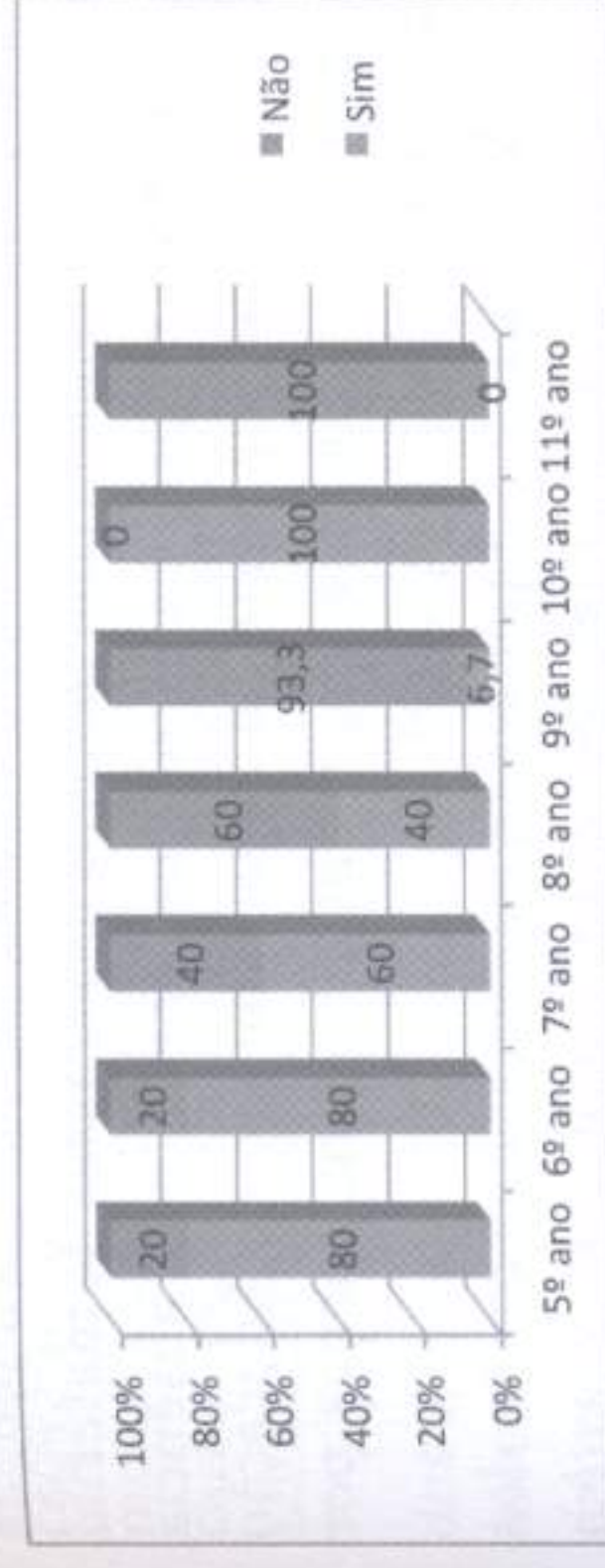


Figura 1 – Frequência de aulas de Ginástica de Solo por anos.

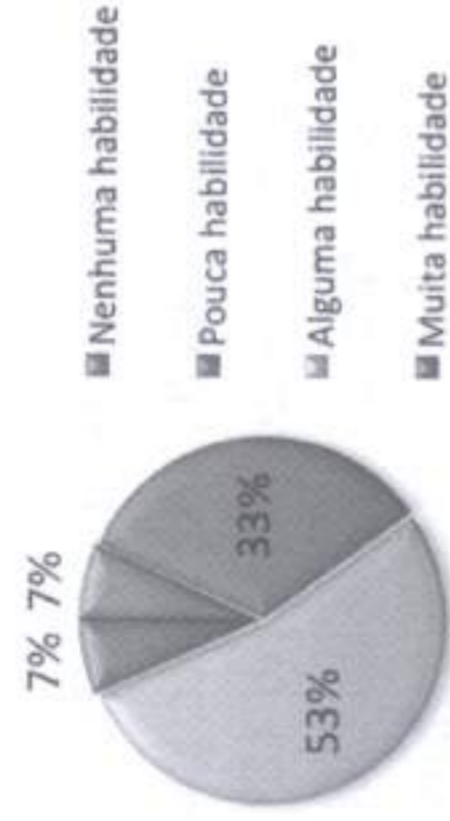
Como facilmente se constata verifica-se um decréscimo das aulas de ginástica de solo do 5º para o 9º ano de escolaridade. No ensino secundário, no 10º ano esta turma teve aulas de ginástica no solo e no 11º não tiveram. Assim, podemos observar que 80% dos alunos indicam ter experienciado ginástica de solo no 5º e 6º ano, 60% no 7º ano, no 8º ano 40% e no 9º ano do ensino básico apenas 7% aponta ter tido ginástica de solo.

Quanto aos resultados sobre as experiências anteriores dos alunos na ginástica de aparelhos observou-se que no decorrer do 5º, 6º, 7º e 10º anos nenhum aluno realizou ginástica de aparelhos nas aulas de Educação Física. No 8º ano apenas 7% a experienciou, enquanto no 9º ano, que corresponde a um final de ciclo, este valor sobe para os 33%. No ensino secundário verifica-se que no 10º ano esta turma não teve este modalidade gímnica e no ano seguinte (11º ano) verificou-se precisamente o contrário.

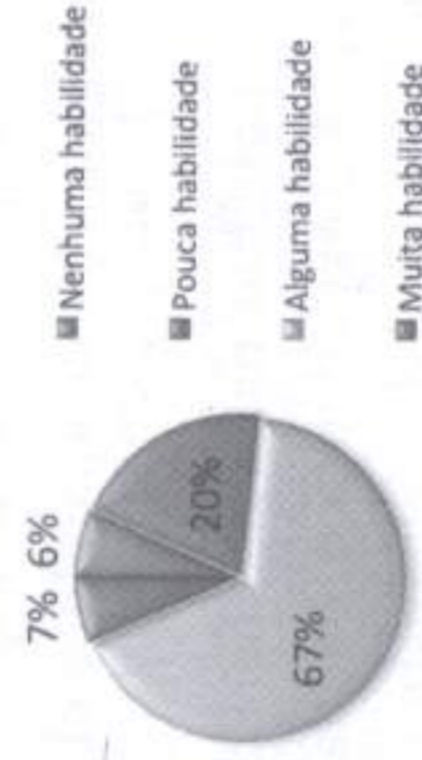
Em suma, os estudantes durante o seu percurso escolar tiveram vivências limitadas ao nível da ginástica de

aparelhos. Neste sentido, seria importante perceber quais as razões que levaram à ausência desta modalidade gímnica no currículo escolar, se, por exemplo, as causas se prendem com motivos de escassez de material desportivo próprio na escola, ou, então, pela ausência de indicação por parte do departamento de Educação Física para a abordar, ou, eventualmente, apenas por uma opção dos professores.

As Figuras 2 e 3 permitem visualizar a percepção dos alunos em relação ao seu desempenho motor na ginástica de solo e de aparelhos.



**Figura 2** – Percepção do desempenho motor na Ginástica de Solo.



**Figura 3** – Percepção do desempenho motor na Ginástica de Aparelhos.

Observa-se que na ginástica de solo, 60% dos alunos considera que possui habilidade motora nesta modalidade.

Contudo, é importante realçar que um terço da amostra considera ter pouca habilidade. Estes resultados parecem demonstrar que aproximadamente metade destes alunos (40%) possui uma percepção negativa do seu desempenho motor nesta área gímnica, refletindo de certo modo a escassez ou ausência desta matéria curricular nas aulas de Educação Física.

Por outro lado, na ginástica de aparelhos a maioria dos alunos (74%) pensa ter alguma ou muita habilidade motora nesta matéria, o que não deixa de ser surpreendente se atendermos ao fato de até ao 10º ano estes alunos não terem tido esta modalidade gímnica em termos curriculares. Esta percepção de que conseguem ter um bom desempenho motor independentemente do seu percurso escolar apontar em sentido contrário, talvez possa encontrar justificação no fato de no ano transato, 11º ano, esta matéria ter sido abordada por todos e, por conseguinte, estar ainda muito presente nas suas memórias.

Na tabela 1 estão representados os valores percentuais resultantes da análise efetuada ao nível do desempenho motor, em termos analíticos e sequenciais, do nível de sucesso e insucesso dos alunos em relação aos elementos gímnicos de solo e de aparelhos.

**Tabela 1** – Níveis de sucesso e insucesso dos alunos na ginástica de solo e aparelhos.

	SOLO				APARELHOS				
	Analítica		Sequência		Mini Trampolim		Salto		
	RFE	Roda	Elementos gímnicos*	Salto de vela	Meia pirueta	Salto engrupado	Salto ao eixo	Salto entre mãos	
Insucesso	Nível 1	13.3%	46.7%	40%	---	---	---	26.7%	66.7%
	Nível 2	---	33.3%	33.3%	6.7%	26.7%	---	---	---
Successo	Nível 3	66.7%	20%	26.7%	80%	73.3%	93.3%	46.7%	13.3%
	Nível 4	20%	---	---	13.3%	---	26.6%	26.6%	20%

**Legenda:** Elementos gímnicos\* RFE: Rolamento à frente engrupado; AFI: Apoio Facial Invertido; MP;Meia pirueta; RR:Rolamento à retaguarda

Numa primeira análise ressalta a ideia de que estes alunos do ensino profissional apresentam níveis de insucesso muito grandes na ginástica de solo, principalmente quando confrontados com a sequência gímnica. Na verdade, apenas 27% consegue executar com algumas imperfeições os elementos solicitados e 40% nada executa. Se atendermos à avaliação efetuada de forma analítica, também é possível verificar os 80% de alunos que na "roda" se encontram no nível de insucesso, contrastando com os cerca de 87% que conseguem realizar o "rolamento engrupado à frente". Estes resultados revelam que estes alunos chegados à etapa final do seu percurso escolar secundário, apenas parecem dominar em termos motores um elemento gímnico (considerado dos mais básicos e iniciais no ensino da ginástica) e no conjunto dos restantes revelar desempenhos motores surpreendentemente baixos para quem abordou estas matérias na Educação Física em vários anos anteriores da sua escolaridade.

De salientar, contudo, que apesar dos fracos resultados verificados, parece ficar a ideia de que estes alunos conseguem obter melhores resultados na realização dos exercícios de forma analítica do que em sequência, o que vai de encontro a alguns estudos realizados que defendem existir esta tendência (CAÇOLA; LADEWIG, 2006).

Também não deixa de ser surpreendente, e até de forma paradoxal, que estes alunos que praticamente não tiveram no percurso escolar ginástica de aparelhos, apresentem níveis elevados de sucesso nos três elementos avaliados no minitrampoline e no "salto ao eixo" e, por conseguinte, que apresentem as competências mínimas exigidas para a etapa educativa em que estão inseridos. Estes resultados que podem encontrar alguma justificação

no fato de estarem a ter esta modalidade durante o ano letivo em que estão a ser analisados, e a ser verdade este argumento, é possível questionar se esta performance demonstrada permanecerá duradoura ou, pelo contrário, tal como parece ter sucedido nos outros elementos gímnicos, se dissipar-se-á. É importante igualmente salientar o elevado nível de alunos que não executa o "salto entre mãos", o que parece compreensível já que este elemento gímnico é considerado de maior exigência técnica.

Um dos objetivos deste estudo passava também por comparar a perceção dos alunos quanto ao desempenho motor que julgavam possuir na ginástica de solo e de aparelhos com os resultados práticos realmente obtidos.

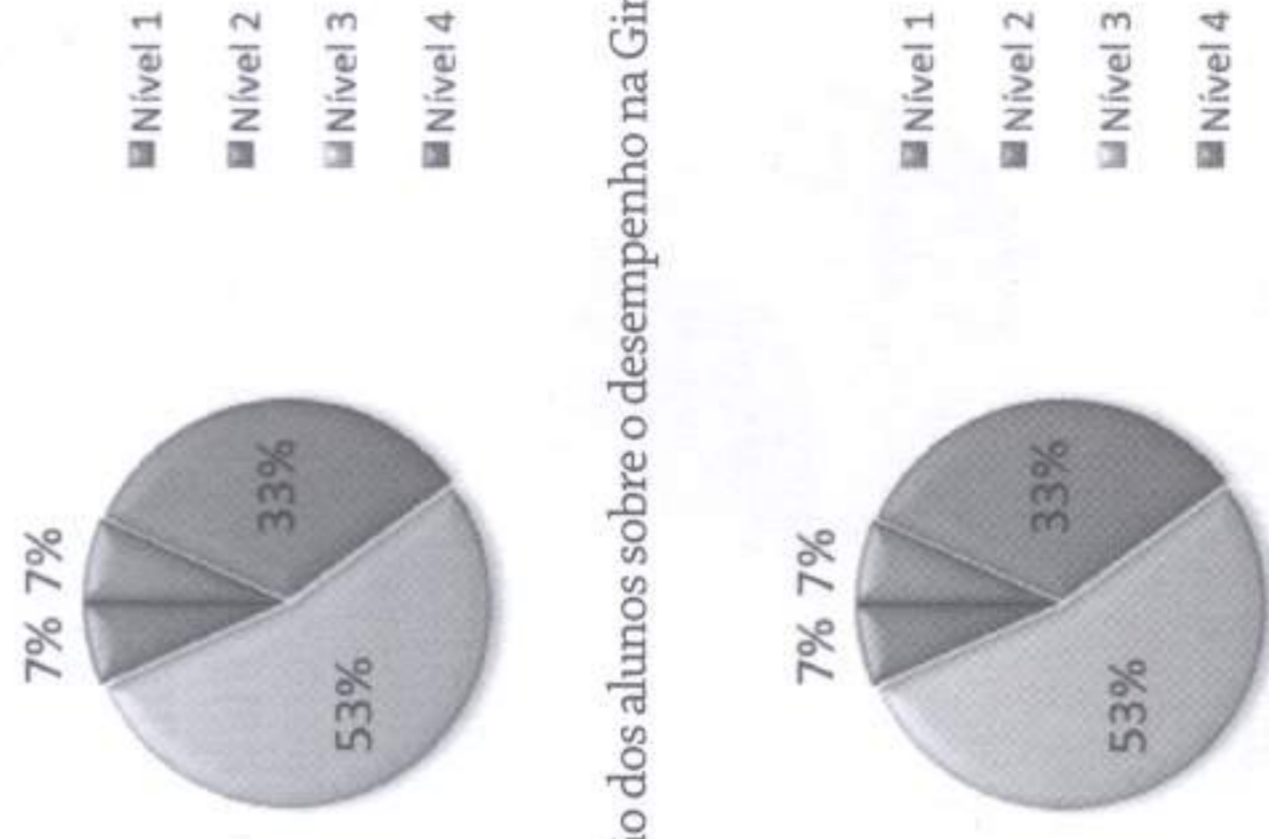
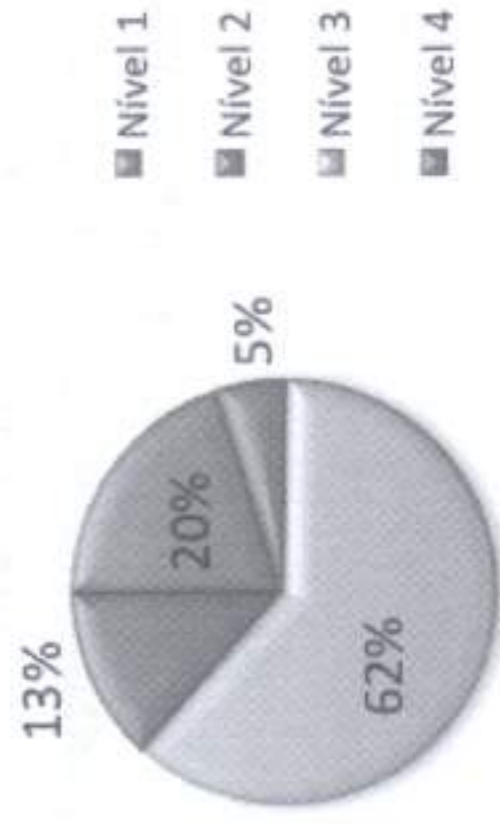


Figura 4 – Perceção dos alunos sobre o desempenho na Ginástica de Solo.



Figura 5 – Desempenho motor real na Ginástica de Solo (em sequência).

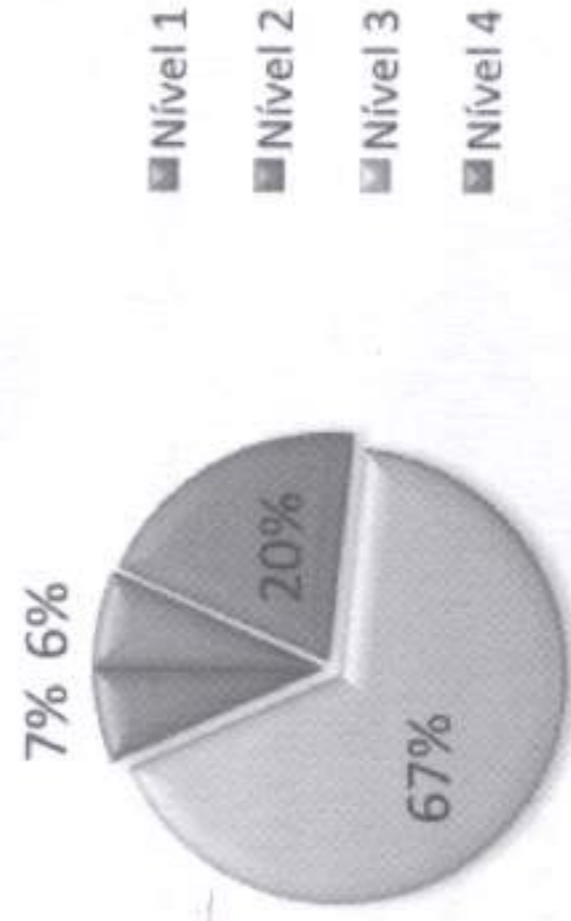
A figura 4 demonstra que na ginástica de solo 60% dos alunos considera possuir habilidade motora nesta modalidade. Dever-se-á, contudo, realçar que um terço da amostra considera ter pouca habilidade. Se compararmos estes resultados com os verificados na outra figura facilmente se constata um grande desajustamento entre o que pensam e o que verdadeiramente conseguem realizar, ou seja, embora tenham a percepção que dominam em termos motores a ginástica de solo, na realidade, o observado demonstra precisamente o contrário. Se por um lado estes resultados podem refletir de certo modo a escassez ou ausência desta matéria curricular nas aulas de Educação Física, por outro seria pertinente perceber qual a avaliação destes alunos nesta modalidade nos anos em que a tiveram na disciplina de Educação Física. Mais uma vez se questiona, nesta etapa final da escolaridade, as aprendizagens (não) adquiridas e o papel dos professores e da própria Educação Física no percurso escolar destes alunos.



**Figura 7** – Desempenho motor real na Ginástica de aparelhos.

A análise dos resultados na ginástica de aparelhos evidencia que a maioria dos alunos (74%) pensa ter alguma ou muita habilidade motora nesta matéria, o que é confirmado com a prática efetivamente concretizada e avaliada. Na realidade, estes resultados não deixam de ser surpreendentes se atendermos ao facto de até ao 10º ano estes alunos não terem tido esta modalidade gímnica no currículo. Esta sintonia entre as suas perceções e o que conseguem realizar e dominar em termos de desempenho motor, independentemente do percurso escolar apontar em sentido contrário, talvez possa encontrar justificação no facto de no ano transato, 11º ano, esta matéria ter sido abordada por todos e, por conseguinte, estar ainda muito presente nas suas memórias.

Ao analisar simultaneamente as figuras (6 e 7), constata-se que a percepção dos alunos em relação às suas competências motoras para a ginástica de aparelhos, onde 73% pensa que se encontra num nível positivo, é muito semelhante à média dos resultados observados na avaliação efetuada, atendendo aos 74% registados. No que diz respeito aos 27% de resultados negativos, todos os



**Figura 6** – Percepção dos alunos sobre o desempenho na Ginástica de aparelho.

estudantes se encontram no nível 2 e como tal, na ginástica de aparelhos os resultados evidenciam um melhor desempenho real do que o percebido.

### Considerações finais

Globalmente no que diz respeito particularmente à Ginástica de Aparelhos pode-se afirmar que estes alunos conseguiram na sua grande maioria atingir as competências motoras definidas pelo Programa de Educação Física para o Ensino Profissional para o 10 e 11º ano, não obstante a ausência da lecionação destas matérias ao longo do percurso escolar. Na verdade, reconhece-se que os níveis de exigência para o ensino profissional são, tendencialmente, mais baixos dos que os exigidos no ensino regular, o que provavelmente, pode constituir um dos fatores justificativo, para que apenas num ano letivo os alunos tenham conseguido um nível de sucesso assinalável. Porém, na Ginástica de Solo os resultados mostram-nos que essas competências motoras não foram atingidas, o que não deixa de ser um sinal preocupante, tendo em atenção que esta área gímnica começa a ser trabalhada (ou deveria começar) no sistema educativo formal desde muito cedo, mais precisamente integra os programas curriculares do 1º ciclo do ensino básico, e está presente nos conteúdos da Educação Física até, pelo menos, ao nono ano de escolaridade. Para colmatar estes resultados no futuro dever-se-á apostar no desenvolvimento das capacidades condicionais e coordenativas nos períodos corretos, em aulas de Educação Física verdadeiramente significativas em termos de aprendizagem motora, no cumprimento dos objetivos e

metas curriculares definidas nos programas oficiais, e em metodologias de ensino que possam promover o sucesso na abordagem da Ginástica na Escola. Estes resultados permitem questionar de que forma estas competências foram ou não abordados nos anos transatos e quanto tempo lhes foi dedicado. Estas questões parecem pertinentes se atendermos às evidências encontradas neste estudo. É importante que também haja uma reflexão sobre os processos de avaliação inicial de cada ciclo de escolaridade para que assim se desenvolva uma planificação plurianual (por ciclo) mais rigorosa e por consequência uma planificação anual mais eficaz e direcionada para o desenvolvimento integral das turmas de acordo com as suas especificidades e nível de desenvolvimento motor.

### Referências

- ARAÚJO, C. **Manual de ajudas em ginástica**. Brasil: Editora da Ulbra, 2002.
- BOM, L.; PEDREIRA, M.; MIRA, J.; CARVALHO, L.; CRUZ, S.; JACINTO; J.; ROCHA, L.; CARREIRO DA COSTA, F. A elaboração do Projecto de Programas de Educação Física. **Horizonte**. Dossier. v. 6 , n. 35, jan./fev., 1990.
- CAÇOLA, P.; LADEWIG, I. Avaliação da retenção de uma habilidade de salto da ginástica rítmica ensinada através da prática em partes e da prática como um todo. **Educación Física y Deportes - Revista Digital**, Buenos Aires, Año 11, n. 100, 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd100/gr.htm> Acesso em: 26 fev 2014.

FERNANDES, D. **Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas.** Lisboa: Texto Ed., 2005.

FERNANDES, D. **Avaliar para aprender.** São Paulo, Brasil: Ed. Unesp, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento do Ensino Básico. **Programa de Educação Física: Ensino Básico, 3.º Ciclo: reajustamento.** Lisboa, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento de Educação Básica. Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo (4.ª Edição ed.). Lisboa, 2004a.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento do Ensino secundário **Programa de Educação Física: 10º, 11º, 12º anos: cursos gerais e profissionais.** Lisboa, 2004b.

PACHECO, J.A. Processos e práticas de educação e formação. Para uma análise da realidade portuguesa em contextos de globalização. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 1, n. 22, p. 105-143, 2009.

SHEPARD, L. A. The role of assessment in a learning culture. **Educational Researcher**, Washington, DC, n. 29, p. 4-74, 2001.